



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO

MADSON DOUGLAS SILVA DOS SANTOS

**O POÇO COMO CORPO INSURGENTE: O QUE O
MASCARAMENTO DESMASCARA?**

BELÉM-PA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO

MADSON DOUGLAS SILVA DOS SANTOS

O POÇO COMO CORPO INSURGENTE: O QUE O MASCARAMENTO DESMASCARA?

Memorial descritivo ilustrado apresentado à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a.Dra . Larissa Latif Plácido Saré.

BELÉM-PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA

S725d Santos, Madson Douglas Silva dos
 O poço como corpo insurgente: o que o mascaramento
 desmascara? / Madson Douglas Silva dos Santos. 2023.
 24 f.

 Orientadora: Prof^a.Dra . Larissa Latif Plácido Saré.

 Memorial de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
 Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e
 Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.

 1. Teatro. 2. Dramaturgia. 3. Memória autobiográfica. 4.
 Desigualdade social. Título.

CDD - 23. ed. 792

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO



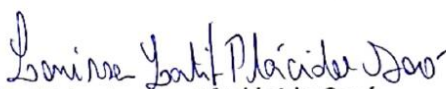
ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 28 dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às dez horas, reuniu-se na sala 03 da Escola de Teatro e Dança da UFPA, a Banca Examinadora composta pelas docentes: Prof.^a Larissa Latif Plácido Saré (Orientadora e Presidente de Banca), Prof.^a Iara Regina da Silva Souza (Avaliadora Interna) e Prof.^a Cláudia do Socorro Gomes da Silva (Avaliadora Interna) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do discente MADSON DOUGLAS SILVA DOS SANTOS, matrícula nº 201611240018, intitulado: "Que Corpo o Mascaramento Desmascara?"

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi reprovado com conceito Excelente, feitas as seguintes observações: _____ e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 28 de novembro de 2023.


Prof.^a Larissa Latif Plácido Saré
(Orientadora e Presidente de Banca)


Prof.^a Iara Regina da Silva Souza
(Avaliadora Interna)


Prof.^a Cláudia do Socorro Gomes da Silva
(Avaliadora Interna)

Digitizado com CamScanner

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.



MADSON DOUGLAS SILVA DOS SANTOS

Belém, 16 de Dezembro de 2023

Dedico este trabalho à minha madrinha pedagoga e orientadora educacional, à minha tia educadora especial, que me influenciaram na carreira de educação, e à minha mãe que me ensinou a dar tudo de mim e não desistir nunca.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço.

A minha mãe Rosilene por tentar me proporcionar o melhor possível independente das condições e dos percalços da vida, e me ensinar sobre atenção e cuidado nas pequenas coisas da vida.

Aos meus padrinhos Raimundo Nonato pelos ensinamentos sobre comunicação em público e bom humor, e Fátima Fernandes por me proporcionar uma educação de qualidade, e ensinar sobre valores e bons hábitos de leitura.

Aos queridos Marcos Rodrigo por me apresentar a leitura e fantasia onde mundos são criados e inventados, e Kamilla pelas conversas e me apresentar novas mídias,

À minha tia Terezinha Sirley, por me acompanhar mesmo quando eu estou omissa e atarefada sempre me apoiando e aconselhando em memória da vovó Nilde.

Aos amigos, Renan Matheus, Marcos Vitor, Rui Neto por ser meu amigo mais fiel e concentrado me ensinando sobre o lado pacífico de todo caos, Pedro e Serpa por estarem sempre com ouvidos atentos prontos para me apoiar ou criticar quando necessário.

À família Pacheco onde fui acolhido como parte dela, Vovó Benedita que sempre tinha uma resposta na ponta da língua com bom humor e coração imenso, Vovô Rui por compartilhar conhecimento impagável sobre a vida e contar causos dos mais ricos e intrigantes, Mauro e Márcia por me mostrarem que independente de qualquer coisa a família é nosso lar e estar presente é mais importante do que tudo, e tia Marlize por ser a melhor conselheira de todas.

Agradecimentos especiais à minha família da escola de Teatro, Larissa Latif por me receber de braços abertos como a minha orientadora, a todos os professores desta instituição, em especial Lara Regina, Wlad Lima, Andréa Flores, Karine Jansen, Aníbal Pacha, Cláudia Gomes, Edson Fernando e Adriana Cruz por me ensinar e mostrar possibilidades no teatro e no pensamento crítico.

Mesmo não sendo uma pessoa religiosa, agradeço a Deus, a São Benedito e São Jorge, aos pretos velhos e orixás, porque o respeito vem antes de qualquer fé. Amém e Axé!

O POÇO COMO CORPO INSURGENTE: Que corpo o mascaramento desmascara?

¹Madson Douglas Silva dos Santos

O presente memorial é o resultado do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, o relato se baseia em uma pesquisa de treinamento pessoal para uma criação performática a partir de memórias, resultados da diáspora para a marginalização. O método pessoal coloca em xeque a construção de um corpo máscara como dispositivo de denúncia e de comunicação. Face ao deslocamento de pessoas indesejadas para os lugares mais extremos, questionando o que promove a desumanização e desorganização de grupos de pessoas negligenciadas, tornando a simples existência num desafio e o reforço dessa existência numa relação comunitária nem sempre tão firme. O objetivo do treinamento é um corpo consciente e preparado para uma performance.

No presente texto eu trago uma dessas formas de desestabilização como cerne performático do treinamento físico, a má distribuição de saneamento básico que obriga indivíduos a sobreviver em condições de exclusão social, tornando o balde e a corda essenciais para cozinhar, banhar, regar, beber e lavar. O poço como corpo insurgente, o poço que precisa de manutenção urgente a todo momento, a manutenção de suas paredes para que possam ser utilizadas para que a água fique mais limpa para o consumo, mas falo também sobre um poço que precisa de manutenção essencial, que precisa ser desconstruído e ressignificado. É importante lembrar que muito me refiro ao corpo na terceira pessoa do singular, porém essa é uma maneira de nortear do que estou falando no decorrer do texto, mas o corpo e eu somos o mesmo e não saio dele para comunicar este estudo.

¹ Aluno do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Pará

Que haja luz

No ano de 2021 estive na disciplina de Laboratório do Corpo, mediada pela professora Iara Regina na escola de teatro e dança da UFPA para a turma de Licenciatura em Teatro, a sala 24 foi o lugar de encontro semanal dessa disciplina onde fomos conectados a uma vivência não racionalizante.

A instrução era buscar um gesto ou uma maneira curiosa de se comportar de alguém desconhecido na rua e trazer pra sala de ensaio. E isso se estabeleceu por alguns encontros causando uma comoção, alguns entraram em um lugar de praticar e outros já desistiram e apenas repetiam o comando.

Em determinado momento enquanto repetia o comando eu entrei em um estado corpóreo outro completamente novo pro meu corpo. A repetição me levou a um estado de concentração total em que eu podia sentir tudo no meu corpo cada passo consciente e conectado à sala inteira, eu tinha um mapa de todo o espaço da sala, de onde os colegas estavam e como estavam se movendo, podia até mesmo antecipar os movimentos deles.

A partir que meu corpo passou a criar uma caminhada a partir do andar singular que eu trouxe da pessoa desconhecida na rua, cada passo me levando a um processo criativo interno fluido e autoconsciente. Este trabalho foi o mote original para a construção desse processo e alguns indutores dele foram utilizados no estágio embrionário deste treinamento pessoal.

Em desenvolvimento fui apresentado a leituras que evocaram a atenção para este corpo e seus estigmas e de que maneira o comportamento a postura e as tensões musculares refletem um corpo afetado por mecanismos sistemáticos de políticas de opressão, no projeto de pesquisa Pibic: Entre a máscara, a quimera e a ciborgue: inventar corpos insurgentes para desmontar políticas de morte.

Tive a oportunidade de explorar e começar a trabalhar essa pesquisa dentro de um plano de trabalho, sempre sob o olhar atento e exigente da professora Larissa Latif, que entre conselhos e um olhar externo sensível sobre o processo em

andamento permitiu uma liberdade criativa de experimentação que antes não havia recebido em qualquer trabalho cênico, e devo ressaltar que a importância dessa metodologia para este processo foi de suma importância para que se desdobrasse de maneira adequada.

As possibilidades de mascaramento foram exploradas e discutidas em sala com um grupo de pessoas estudando temas diversos, porém ligadas por um mote profundo comum; a vontade de discutir corpos políticos em cena e propor alternativas de diálogo dentro das performatividades e corpos políticos que performam sua existência.

O treinamento: Minha casa corpo

Inicialmente delimitei um espaço para a ação pensando em que espaço eu teria disponível, que compreende um lugar plano, sem obstáculos e que se possa deslizar nele sem se machucar, com dimensão mínima aproximada de 3 metros quadrados (prefere-se que seja maior).

Apliquei um método de indução de experimentação, fundamentando o trabalho na sala de ensaio ou no quarto de ensaio e levantando questões para serem discutidas em uma cartografia de processo, primeiramente induzindo o exercício de maneira orgânica para o corpo e na sequência fazendo as devidas constatações, a partir do diário de bordo, e de anotações no caderno de ensaio que estão aqui neste texto da forma mais organizada e amadurecida até o momento.

Este método pessoal é realizado em três estágios fixos e independentes de regras, as únicas regras aceitas são as propostas pelo próprio corpo como motes essenciais de cada estágio. Muito se fala em respeitar os limites do seu corpo, para não se machucar, mas aqui meu interesse é também em respeitar o corpo que quer explorar esses limites porque entende de si mesmo.

O exercício a princípio partiu de uma tarefa aparentemente simples em parâmetros gerais, a criação e montagem de uma máscara, e brincar, escutar e trocar

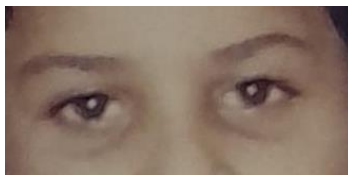
experiências foi essencial na construção desta. adentrando cada vez mais no processo prático e na leitura recomendada, nas pesquisas que englobam o assunto e fui clareando minha visão sobre o trabalho. Não máscara objeto, porém máscara corporal. Um treinamento corporal que pudesse contemplar esse corpo máscara, uma bricolagem de memórias nesta máscara corpo que remonta novos horizontes de auto aprendizado processual.

No começo, tentava conectar uma coisa a outra como quem liga uma fase de energia elétrica em casa, porém não existia força para acender a lâmpada das ideias como nos desenhos animados, a força não era gerada por uma fonte externa como eu tentava buscar e racionalizar, o meu motor gerador estava dentro da minha casa (que é em suma meu próprio corpo). Caminhar com meus pés através de brincadeiras da memória, íntimas, profundas e com significado pro eu criança. Brincar faz sentido pra mim hoje como explorador de mim mesmo, todos os falocentrismos impostos, os contatos físicos diretos e a energia materna evocam elementos da memória guardados e acessados pela brincadeira, como a brincadeira pode acessar essas memórias, e como essas memórias são tão vívidas que podem trazer fontes criativas por conta própria, é nesse momento que a euforia toma conta e o corpo gasta mais energia brincante e concentrada que o meu corpo entra num estado novo, uma espécie de fluxo, uma meditação ativa e movente de explorar meus limites nas extremidades do corpo, brincando.

“A percepção inicial de si se dá através do reconhecimento, pelo sujeito, das suas fronteiras físicas e depois psíquicas. Segundo a psicologia, a criança se percebe como indivíduo ao descobrir as coisas que ela não consegue fazer ou ser. A experimentação dos seus limites, especialmente os físicos e sensoriais, é a principal atividade infantil nos primeiros anos de vida.” (TRIGO, p.72)

Primeiro momento: Membros inferiores e superiores caminham sobre uma linha imaginária.

Espaçamento de calçadas, meio fios, canteiros de mangueiras, ladeando trilha de formigueiro, pulando de pedra em pedra para não pisar na lama da estrada sem asfalto. Brincadeiras individuais que busco agora resgatar não só dentro da sala de prática, mas na rua quando encontro com essas figuras estimulantes de memória, sempre que possível um salto maior para pular a poça até o outro lado, a memória dos brinquedos estão impregnadas nesse corpo e podem ser acessadas nesse primeiro estágio, veloz, forte rápido e sem preocupação de ser observado, abandonando julgamentos externos e internos, é o momento da intensidade livre.



A euforia transborda

O meu corpo sente a necessidade de se exaltar, correr bater os pés, saltar e acionar esse corpo em estado ativo mais pulsante, sentir o corpo aquecer, aquele mesmo calor da brincadeira, que agarra nas orelhas e na testa, que emana um calor energético de dentro do corpo, continuar se movendo e sentir o quanto de energia o corpo está pulsando.

Neste estágio, depois de dois meses de experimentação, o corpo exigiu que eu gastasse muito menos energia pois já exaltava e exaustava sem a necessidade de ser tão explosivo, então constatei o corpo educando onde eu poderia aproveitar melhor o exercício.

Um breve descontrole da respiração se torna descompassado neste momento e é aqui que entrego o corpo nele mesmo, para que o terceiro momento seja o mais espontâneo possível

Segundo momento: O corpo vai ao chão

Cair no chão é solicitado, e aqui o corpo inteiro trabalha para que essa queda possa ser a mais segura possível, durante o treinamento nas primeiras execuções a queda segura foi realizada de maneira que experimentasse diversas maneiras de cair, mas nenhuma delas atendeu tão bem às exigências do meu corpo quanto de peito pro céu. Ali de barriga pra cima tento regular a respiração, e tento ter consciência desse

momento de maneira que posso sentir cada articulação, cada músculo aquecido, cada pulsação.

É possível sentir o fluxo sanguíneo pulsando nas veias, é possível escutar os fluídos que correm no cérebro e no peito, a saliva que seca e acumula, cada nó nos dedos, toda a tensão nos ombros, e rigidez dos músculos é notada nada fica de fora um momento em que a harmonia caótica do meu corpo se comunica comigo em energia, um balanço geral do meu estado naquele momento.

Esse estágio compreende uma das partes mais essenciais para o que eu acredito ser o sucesso desse exercício, que é a movimentação concentrada, o que eu vou chamar de concentração corporal.

Terceiro momento: Emergir do chão

Neste estágio evito levantar usando os pulsos e os calcanhares diretamente no chão, o que por si só cria imagens dentro do corpo que tenta se erguer, um corpo que



chamo aqui de sátiro pela maneira como fica sobre as plantas dos pés como único apoio enraizante depois que finalmente fica bípede (Nem sempre este corpo vem a ser um corpo bípede, porém tem sido uma tendência nas repetições mais recentes.

É muito importante que esse momento tenha o seu tempo e ritmo respeitados para que as memórias do corpo cheguem.

E chegam, em tijoladas nos ombros e nas

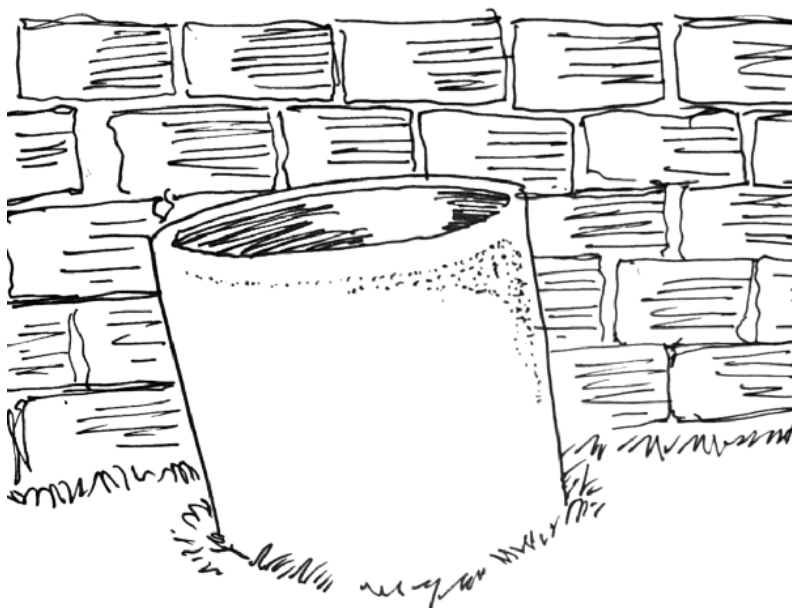


pernas, os pés se envolvem num lamaçal e é possível sentir algumas pedras no fundo incomodando as solas dos pés, é claustrofóbico, o som da água balançando abafada, o ar cheirando a limo e musgo, tudo é restaurado do registro da memória de maneira que esse estado de corpo alcançado nas duas etapas anteriores sejam em suma uma fluidez semiótica do estado do corpo em sincronia com a memória.

Estar dentro do poço é necessário para a limpeza e manutenção, e o esforço é uma necessidade para um bem básico, beber água. mover os braços e as pernas do chão remontam a saída de dentro do poço, uma lama espessa no fundo abraçando as plantas dos pés, um corpo esguio que não se encaixa em um lugar estreito e claustrofóbico na tentativa de sair, esta fase encontrou forte resistência no corpo que não fala, em um momento exigia que falasse, mas o resquício racionalizante impedia que pudesse falar. depois de seis meses as primeiras palavras foram ditas, esganiçadas e arrastadas, um corpo fragmentado tentando comunicar o incomunicável, hora em prosa, hora poesia, outras vezes gemidos, outras gritos, sempre em tom urgente.

Método bricolagem

O trabalho aqui descrito foi repetido de agosto de 2022 até o momento da concretização e entrega deste texto, e sendo modificado, rudimentado, polido e rudimentado novamente, uma técnica, e tomo a liberdade de chamar dessa maneira, que remonta a cada nova execução, novos indícios são percebidos, o corpo faz novas exigências de experimentação, solicita a execução do procedimento dentro da água, solicita que eu gaste menos energia, solicita que eu fique mais tempo respirando, solicita que eu faça sons ou que não os faça, solicita que pare de me mover, solicita que novas brincadeiras entrem no processo, e que outras saiam até o momento que esse corpo exige e assume o controle no treinamento, um estado tão ampliado no fim do processo que esse corpo máscara se remonta a cada nova repetição e deixando claro a sua autonomia nesse processo.



Como Anne Bogart propõe em seu estudo sobre treinamento de atores, caracterizando este em seis qualidades necessárias, a terceira delas é a Violência Necessária, que diz que o ensaio precisa ser repetível quantas vezes for necessário naquela mesma intensidade e qualidade de ação para que esses limites se estabeleçam na repetição e na criação individual o que identifico como semelhante ao que proponho neste treinamento.

Quando o estágio de fluxo no treinamento é encontrado e o corpo entra em outro campo de controle, passa a ser um emaranhado de conexões sinápticas que emergem para remontar este corpo não racionalizado, tomando a frente e agindo, não como um estado de descontrole e sim um estado de controle amplo e consciente do espaço, lateralidade, objetos, tecidos, fluidos corporais. Um estado corpóreo inefável para o eu racionalizante nesse estágio do estudo, entretanto totalmente exponente para quem o presencia.

Este estágio de fluxo alcançado tem semelhanças no método de Jerzy Grotowski e não por coincidência pois foi uma das leituras onde se encontraram o meu inconsciente e consciente no berço dessa busca, criando a partir de fundamentos do teatro pobre.

Nosso método não é dedutivo, não se baseia em uma coleção de habilidades. Tudo está concentrado no amadurecimento do ator, que é expresso por uma tensão levada ao extremo, por um completo despojamento, pelo desnudamento do que há de mais íntimo, tudo isto sem o menor traço de egoísmo ou de auto-satisfação. O ator faz uma total doação de si mesmo. Esta é uma técnica de "transe" e de integração de todos os poderes corporais e psíquicos do ator, os quais emergem do mais íntimo do seu ser e do seu instinto, explodindo numa espécie de transiluminação ". (GROTOWSKI, p.14)

²Breve história do bairro do Icuí-guajará

Antes de ser o bairro com entrada pelo conjunto cidade nova, ao lado da antiga granja dos governadores. A comunidade do Icuí era acessada por rios e pela antiga estrada do 40 horas.

Registros históricos mostram que na década de 70, antes mesmo da construção do conjunto cidade nova, o atual bairro denominado Icuí-guajará era arborizado e de mata fechada, com habitações ao redor do rio Guajará.

Inúmeras famílias já moravam no lugar em terrenos doados pela família do senhor Jorge Carmona, grande proprietário de terras e da fazenda santa fé na localidade.

Conforme o conjunto cidade nova vai sendo construído, o Icuí tem uma explosão de novos moradores através de lotes doados e grandes áreas de terras **ocupadas**, aumentando vertiginosamente sua população.

² Texto de autoria desconhecida retirado do endereço https://www.facebook.com/cidadenovaananindeuapara/posts/4272958239399884/?locale=fi_FI e modificado pontualmente na esperança de desconectar alguns termos defasados e incorretos.

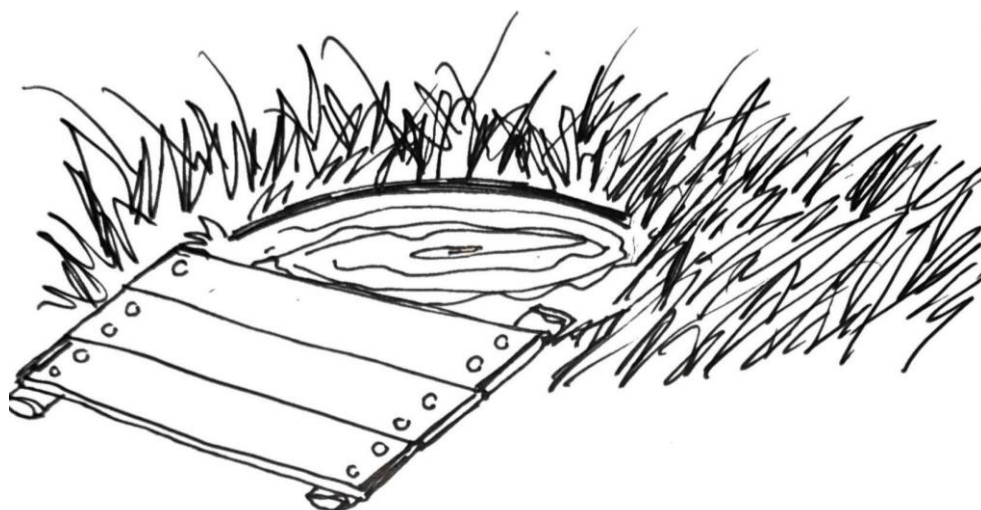
Com a chegada do professor italiano Pasquale Vigilante, em 1969, vindo do Maranhão, para dar aula na universidade federal do Pará, se estabelece no Icuí e com organização comunitária e educação popular, busca melhorias na localidade que mais tarde se transformaria no bairro do Icuí-guajará.(LOBATO, SOUZA)

POÇO

Em áudio minha mãe me conecta com esse lugar de poço, uma terra que antes não era de ninguém, é conhecido como Jardim Samambaia e fica localizado no recente bairro do Icuí-Guajará, ela lembra de ter comprado o terreno por volta de 2009 na esperança de parar de trabalhar para pagar aluguel e ficar com fome.

O terreno contava com um barraco de madeira e chão de assoalho sobre terreno alagado com estrutura precária e sem acabamento, um homem vendeu o terreno por quinhentos reais (ainda hoje existe uma briga judicial pois o terreno não era deste homem, que agiu de má fé vendendo um terreno que não era dele).

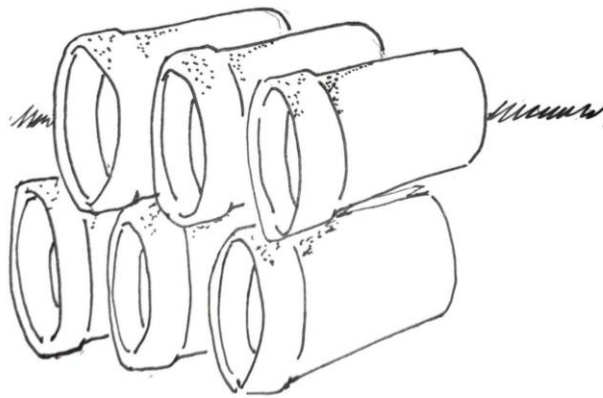
Veja, um lugar alagado com mato que se eleva até altura de minha mãe, onde ninguém queria morar. Depois que o lugar foi devidamente capinado e algumas partes aterradas pelo meu padasto, gradativamente outros lotes foram sendo ocupados nas redondezas por figuras que rendem narrativas riquíssimas e saberes que não são encontradas em livro ou reportagem ou documentário. E uma das coisas que se revelaram no terreno que ficava no final da baixada se provou muito útil para todos e é a protagonista dessa poética.



O POÇO, era chamado de bica porque era apenas um buraco cru cavado no chão, de lá, a água era retirada. A mãe diz que ele já estava cavado quando ela chegou e que estava coberto apenas por algumas tábuas pregadas umas nas outras por ripas.

Matou sede, lavou roupa, cozinhou osso, refrescou dias quentes e também abrigou mosquitos e rãs e serpentes.

Numa das primeiras promessas de saneamento básico que chegou em outra das épocas de eleição, chegaram aqueles tubos enormes de concreto, que ficariam lá por mais quatro anos, dois anos depois eles já estavam empregados nos barracos, um dos tubos agora era o alicerce básico que impermeabiliza as paredes do poço até os dias atuais.



poço

/ô/

substantivo masculino

1.
grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero.
2.
grande buraco, ger. circular, cavado na terra para se extrair algo do subsolo.
"p. de petróleo"

(DES)Mascaramento

A máscara foi se concretizando no decorrer do processo, e sendo constatado na forma de desenhos e idéias, cada nova experimentação trazia um elemento novo o que podia ser aproveitado ou não, e cada movimento organizava um mote novo, e uma possibilidade de recriar elementos intrínsecos da memória, que se desdobram nesse corpo, e é nesse momento que eu reconheço esse exercício como um mascaramento do corpo, sinto como se estivesse dentro deste poço e meu corpo estivesse agora mascarado por ele, minha máscara **corpoço** está em cena, pronta pra performar.

Porém não é apenas este lugar, sinto que meu corpo está desmascarado, pois esse corpo livre e energético alcançado aqui neste ponto, representa um eu muito mais preparado e livre de influências de estigmas ele está na sua forma bestial, primitiva, livre de imposições sociais e de gênero, de formas pré estabelecidas pelo moderno e pelo novo, uma forma que me permite ir a qualquer lugar e comunicar de qualquer maneira que convir.



³Dissnorteado

Canção

Mais que uma diss, essa música é um manifesto contra a desigualdade regional historicamente construída. Não sendo, de jeito nenhum, um ataque a população das regiões citadas, mas sim um ataque a um sistema que privilegia regiões às custas da exploração e do epistemicídio de outras. Essa música é uma ode à minha região, à minha cultura e principalmente ao meu povo.

Tu tá dissnorteado (hã)

Pra nós esperança parece piada

A nossa luz do fim do túnel

Passou 20 dias apagada

E não deu em nada

Pensa pra ver

Vinham do fim do mundo se o blackout fosse lá pra SP

Aqui não tem só pescador

Mas vários que apesar de ti

Seguem na cola dos peixe

Chinaski abriu espaço, sobe todo mundo

Irmão, antes que a porta se feche

Entre as mais violentas do mundo

RJ pra nós é fichinha

Mas disso vocês não sabiam

Norte e Nordeste não é só prainha

Tua mente escangalho, sulista safado

Rimo pra caralho, tão dissnorteado

Enquanto a Amazônia é o pulmão do mundo

Amazonas morre asfixiado



³ Uma diss na linguagem do rap é quando um artista responde a outro rapper ou outro grupo diretamente por alguma ofensa ou injúria praticada em suas letras.

Rap nortista, cena verdadeira



Fruto do topo, naipe açazeira
Enquanto cês dão flipada num
iate

Nós te escangalha no flow
voadeira

Não vamo parar

Então conta com a sorte

Enquanto a notícia da paty
sulista for mais importante que

as morte no norte

E nós faz isso sem nem ter suporte

Roubando o horário nobre de sandália e short

Tomando bicuda pra caralho e continua forte

Nortista vira encantado, nós não teme a morte

Nós tamo pronto pra porrada, então apruma o porte

Deusa Nic Dias, abençoa os bruxo do norte

Eles comemoram a morte de norti(sta)

Foda que nunca nós vamo parar

Pra vocês é só mais um dado na Globo

Pra nós 19 razões pra lutar

Fogo no pampa!

Não mete a banca, diabo de terno

Só tando no meio do mato, no fogo

Pra eles ver como é que é viver no infer(no)

Filha da puta derruba a Amazô(nia)

Pagam na mídia de ecologi(sta)

Mata molhada não pegava fo(go)

Antes da ação de madeireira pauli(sta)

Seguem idolatrando bandeirante

Mas não tamo acanhado como antes

Norte e Nordeste chegando no topo

Subindo em bando, tipo os avoante

Ian lançou o melhor álbum do ano em 2020 não tem como negar

Nic é mais tiro, porrada e bomba do que Almirante em dia de Re X Pa
 Mc Super shock roubando a cena, tá puxando o foco aqui pro Amapá
 Revolução vem de cima do mapa! Dime cronista já tinha mandado avisar
 Rasga Mortalha subiu em cima da tua mansão
 Pega a visão
 Bate cabeça, ladrão
 Agora que o gigante acordou
 Não tem ""pelo amor""
 Caíram no grupo da morte
 Deusa Nic Dias, abençoa os bruxo do Norte!
(FLAWESS, DIONISIO)

Referências:

TRIGO, Isa. **No Pulso do Ator. Treinamento e Criação de Máscaras na Bahia** (tese de doutorado). Salvador, PPGAC,UFBA, 2005.

TRIGO, Isa. **“Meu nome é legião: o sujeito, o sentir e o conhecer nas artes”**. Anais Abrace, vol. 11, n.1, 2011

LIMA, Wlad. **Dramturgia Pessoal do Ator**. Belém, Ed. Grupo Cuíra Pará, 2004.

BOGART, Anne. **Seis coisas que sei sobre o treinamento de atores**. Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 029–040, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101122009029>.

SOUZA, Iara Regina da Silva. **Os sonhadores das sombras: uma Cartografia poética das Micropolíticas de resistência da Dramaturgia da luz opus lux**. (tese de doutorado). Aveiro, PDEC Universidade de Aveiro, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Curso dado no Collège de France, 1977-1978. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

BARBA, Eugenio. **Teatro: Solidão, Ofício, Revolta**. Tradução de Patrícia Furtado de Mendonça. Brasília: Teatro Caleidoscópio, 2010.

LOBATO, Ana Maria Leite Lobato; SOUZA, Cintia Rejane Cunha de Souza. **O protagonismo do professor Pasquale Vigliante no Bairro Icuí –Guajará: o legado e o papel social de um educador social**. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 3, e233731, 2020.

FACEBOOK, **A HISTÓRIA DO BAIRRO DO ICUI-GUAJARÁ**, Disponível em: https://www.facebook.com/cidadenovaananindeuapara/posts/4272958239399884/?locale=fi_FI acessada em: 02/10/2023

FLAWESS, DIONISIO. **Dissnorteado**. Belém: 2022. Suporte (3:18)